

1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS
SOCIEDADE, CONHECIMENTO E POLÍTICA

**Transformação Rural – O Fenómeno Migratório:
Um Estudo De Caso Em Trás-os-Montes**

Patriciá Goldey

Lúcia de Jesus

UTAD; DES

Introdução

O fenómeno migratório, faz parte da vida socio-económica nacional portuguesa há mais de um século. Como “fenómeno estrutural” há já algum tempo que vem sendo estudado. Não obstante disto, é ainda um tema que carece de alguma dedicação e atenção, até porque a emigração continua ainda a ser uma “estratégia de vida” seguida por muitos. Efectivamente na ausência de grandes perspectivas de vida no país, os portugueses tal como em outros tempos, tentam conseguir lá fora o que o país não lhes oferece, nomeadamente um trabalho capaz de originar as receitas necessárias para a construção de uma casa e para a melhoria das condições de vida.

A influência do fenómeno migratório faz-se no entanto sentir em maiores proporções junto das comunidades mais dispersas territorialmente, menos dotadas em factores de produção, menos centrais, menos acessíveis e equipadas. Nestas, nota-se cada vez mais uma perda gradual de população, o que conduz à desertificação humana, ao abandono dos recursos e tradições locais, aos problemas de preservação ambiental e paisagística e ao sentido de incerteza destes espaços, na ausência de população humana e de perspectivas de desenvolvimento a curto e a médio prazo.

A aldeia de **Garganta** pelas características que apresenta sob o ponto de vista do indivíduo e da globalidade do lugar é um bom exemplo do que acabámos de referir. A razão da escolha deste lugar como estudo de caso tem também a ver com outros factores correlacionados; com efeito e apesar de parecer morta e/ou adormecida e de realmente estar quase despovoada a maioria das pessoas da aldeia tem algumas reservas monetárias provenientes das poupanças originadas pela emigração e das remessas que periodicamente os emigrantes lá fora enviam aos seus familiares. A acrescentar a freguesia foi já contemplada com algumas acções de desenvolvimento rural, nomeadamente com o **Projecto de Desenvolvimento Cultural e Educativo de**

Garganta. Pena é que não se façam sentir muitas das repercussões desejáveis do referido projecto. A população tal como antigamente continua a sair e cada vez mais Garganta tem menos gente. E se é certo que as construções são cada mais também é certo afirmar que muitas destas, senão a maioria se encontram fechadas durante quase todo o ano, só se abrindo em Agosto e eventualmente no Natal.

Será então oportuno perguntar: O que está a acontecer com Garganta que em outros tempos com menos dinheiro era uma terra viva chegando já a ter 4 professores e mais de 60 crianças e hoje é uma terra quase sem saída, com poucos crianças e uma escola em vias de encerramento? Porque é que aqueles que saíram não regressam ao seu local de origem mais cedo e não investem aqui (como o fez pelo menos um dos seus moradores) e preferem ficar lá fora ou então simplesmente regressar para morrer? Há depois inúmeras outras questões que podem ser feitas relacionadas com a aldeia. No entanto, nesta apresentação vamos dar importância aos aspectos demográficos e físicos ocorridos na mesma ao longo dos últimos 20 anos. É neste contexto que nos propomos estudar com mais clareza para o período indicado:

- a evolução ou regressão da população;
- crescimento a nível de construções;
- a evolução da ocupação cultural dos terrenos;
- evolução a nível de serviços públicos ou privados disponíveis na aldeia.

Metodologia

A metodologia seguida baseou-se na metodologia do projecto do qual faz parte este estudo de caso. Primeiramente procedeu-se à leitura variada sobre o fenómeno migratório na região e no concelho. Depois seguiu-se a fase de conversas e diálogo (mais de cariz informal) com alguns moradores da mesma ou que eventualmente exercem influência no lugar de Garganta; destacam-se a este respeito o promotor das acções de desenvolvimento rural, o professor da escola primária, as crianças da mesma e alguns dos idosos que frequentemente se encontram a passar o tempo no largo de Garganta. Os “inquiridos-chave” de toda a pesquisa foram no entanto, os emigrantes regressados, aos quais fizemos entrevistas estruturadas e individuais. Nestes participaram quase sempre dois entrevistadores e o inquirido. O guião da entrevista estava estruturado por partes e por perguntas. Eram frequentemente também colocadas outras questões relevantes, que não constavam do mesmo guião e que ajudavam a conhecer melhor a história de emigração da pessoa em causa. O

tempo de diálogo com este tipo de inquiridos foi em média de 25 minutos. Estes eram tanto homens como mulheres regressados (não importando a data de regresso) a este lugar, mas que deveriam ter tido uma experiência de imigração no mínimo de 2 anos. Uma vez que o número de emigrantes regressados é reduzido (num total de treze), iniciámos a análise dos dados baseados nas nove entrevistas realizadas até ao momento. Fizemos igualmente uma entrevista a uma pessoa retornada¹ (pertencente à única família de retornados do lugar).

Paralelamente elaborámos um trabalho de mapeamento (como lhe chamámos) de Garganta; ou seja identificámos todas as construções da aldeia: habitadas e não habitadas, de emigrantes regressados ou não, e/ou dos habitantes que nunca tenham saído dali ou que por qualquer outro motivo estejam a residir fora de Garganta. Com o mapeamento deu-se também atenção às construções novas do lugar, com o objectivo de diferenciar quando possível zonas ou partes de habitação novas e partes ou zonas de habitação antigas.

Finalmente seguiu-se a análise e tratamento da informação recolhida. A apresentação dos resultados por nós obtidos será feita em partes distintas: uma primeira parte refere-se maioritariamente aos resultados obtidos mediante as conversas e entrevistas havidas; recorreremos frequentemente à voz directa dos inquiridos, por via dos termos apresentados em itálico e a negrito. Segue-se uma segunda parte que dá mais realce aos resultados obtidos mediante o mapeamento de Garganta. No final, na terceira parte far-se-á a síntese final de todo o trabalho.

Parte I

Garganta: Um Lugar Envelhecido

Garganta é uma pequena aldeia pertencente à freguesia de S. Martinho de Anta, concelho de Sabrosa e distrito de Vila Real que fica aproximadamente a 20 Km da cidade de Vila Real. A aldeia é uma localidade rural de montanha situada numa zona de uma beleza rara e pontificada de rochedos e fragas graníticas. Como muitas outras localidades de Trás-os-Montes, as lides domésticas, o cultivo dos campos e hortas, bem como a criação de bovinos constituem as ocupações principais da maior parte dos residentes activos. Fonseca (1991) refere no seu trabalho sobre a caracterização agrária da aldeia, que se trata de uma agricultura minifundiária e diversificada, destinando-se a produção, na grande parte das explorações, ao autoconsumo. Em 1990 segundo Fonseca (1991) o número de residentes ascendia a 141 indivíduos,

¹ O retorno diz respeito ao repatriamento de portugueses ou filhos destes que se encontravam nas ex-colónias portuguesas.

distribuídos por 33 famílias. A população de Garganta neste mesmo ano era relativamente nova, pois existiam na altura 113 indivíduos com idade igual ou inferior a 49 anos e somente 28 indivíduos com uma idade superior a esta.

Hoje o panorama é completamente diferente: Garganta tem menos gente e gente mais velha. A aldeia há muito que vem perdendo gente, apresentando actualmente grandes carências nos domínios sócio-económicos e culturais, os quais motivam ainda mais a saída dos adultos e ainda mais dos jovens. As pessoas saíram e continuam a sair do lugar em busca de trabalho e rendimentos que a mera agricultura local não lhes consegue oferecer: se dantes eram poucos aqueles que viam esta actividade como fonte principal de receitas, agora são menos ou nenhuns.

A migração para fora do país parece ser assim um dos fenómenos mais determinantes da realidade sócio-económica do lugar. Já em 1991 Fonseca referia que apenas encontrou um agregado familiar onde nenhum dos seus elementos emigrou. As informações obtidas por nós dizem-nos que a data das primeiras partidas do lugar remontam a 1964. A partir dessa data até agora, houve sempre gente a partir.

A situação é de tal modo gravosa que neste momento apenas frequentam a escola duas crianças do lugar, uma delas encontra-se a frequentar o ensino primário e a outra a pré-primária, num total de oito crianças do ensino primário e de quatro do ensino pré-primário². Com este cenário e ainda com a previsão da saída de duas das crianças, uma vez que já estão na quarta classe, é muito previsível que a escola vá fechar já no final deste ano lectivo. E se a escola fechar a pouca alegria que existia em Garganta motivada pela correria das crianças na hora do recreio deixa também de existir, e é caso para afirmar-se que Garganta se encontra num processo de desvitalização e declínio demográfico e social acentuado e aparentemente irreversível.

Mesmo assim e não obstante deste cenário de declínio Garganta tem bons acessos, electricidade³, água canalizada e telefone. A rede de saneamento básico, por exemplo, foi instalada já em 1989. Foram alcatroadas as ruas da aldeia, abertos e melhorados caminhos rurais, melhorada a rede de abastecimento de água às propriedades, e foram colocados recipientes de lixo em vários pontos da aldeia. Foi também no final de 1992 que se inaugurou o edifício da Associação, onde se reúnem as pessoas da comunidade e onde se realizam algumas festividades em altura de ocasiões especiais (como a passagem de ano). O abastecimento de géneros alimentícios é agora também mais fácil: ou é feito na taberna da aldeia ou aquando da ida de vendedores à mesma: carro do pão (diariamente), do peixe (uma vez por

² Todas as outras crianças são dos lugares arredores de Garganta, nomeadamente de Vilar de Celas (11) e de Arça (1).

³ A *electrificação da aldeia teve início em 1974 e em 1987 já 73% das habitações tinham luz eléctrica* (Faceira, 1992).

semana), da fruta (uma vez por semana), de roupas (duas vezes por mês), etc. E era caso para se dizer que as poucas pessoas de Garganta nunca viveram tão bem como agora!

Composição Social Do Movimento Migratório

A caracterização da situação social de partida do conjunto de emigrantes é fundamental para compreendermos as expectativas investidas na emigração, permitindo igualmente apontar a estratégia que a sustém. Os “inquiridos-chave” distribuem-se por oito homens e uma mulher. A sua idade no momento da partida do país situava-se entre os 21 e 41 anos de idade, tendo quase todos eles neste momento idades acima dos 50 anos (figura 1).

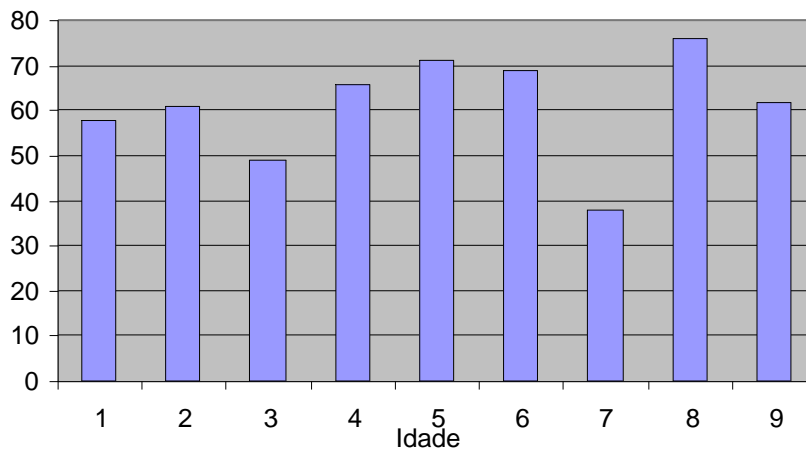


Figura 1 – Idade dos inquiridos

A mulher emigrou para França, onde estava o marido há 10 anos. Dos homens, seis emigraram também para França e dois para Andorra. Destes últimos, um tem 38 anos, a 4ª classe, sendo actualmente o único detentor de uma empresa de construção civil, a única empresa do lugar; é casado e pai de dois filhos, um dos quais uma das duas crianças de Garganta que se encontra na escola do lugar. O outro destes dois tem 49 anos, a 4ª classe incompleta e trabalha na construção civil por conta de outrem fora do concelho (normalmente onde arranja trabalho); é casado e pai de quatro filhos (dois dos quais estão no estrangeiro a trabalhar). Dos homens que emigraram para França três tiveram a família lá reunida (mas num destes três casos a reunião da família deu-se só por 2 anos). Destes últimos um tem 58 anos, a 4ª classe, trabalha na agricultura (é também pastor), é casado e pai de seis filhos (três dos quais estão a trabalhar na França). Outro 62 anos, é analfabeto, está reformado, é viúvo e pai de

duas filhas (uma das quais está em França a trabalhar). Finalmente o mais velho destes três, tem 76 anos, a 3ª classe, é casado e pai de quatro filhos nascidos em Portugal (mas cujos estão em França). Daqueles que nunca levaram a esposa para junto de si e por ordem de idades, o mais novo destes tem 61 anos, é casado, tem a 4ª classe, é reformado e é pai de seis filhos (3 dos quais estão em França a trabalhar). O outro tem 66 anos, é analfabeto, é casado, está reformado e é pai de quatro filhos, que estão na França a trabalhar. O inquirido mais velho destes três tem 71 anos, é analfabeto, está reformado, é casado e pai de quatro filhos, estando actualmente só um destes no estrangeiro. Finalmente a nossa inquirida mulher, tem 69 anos, é analfabeta, é reformada, tem sete filhos e só um por motivos de doença está em Portugal junto de si. Na figura seguinte poder-se-á visualizar parte do que foi dito.

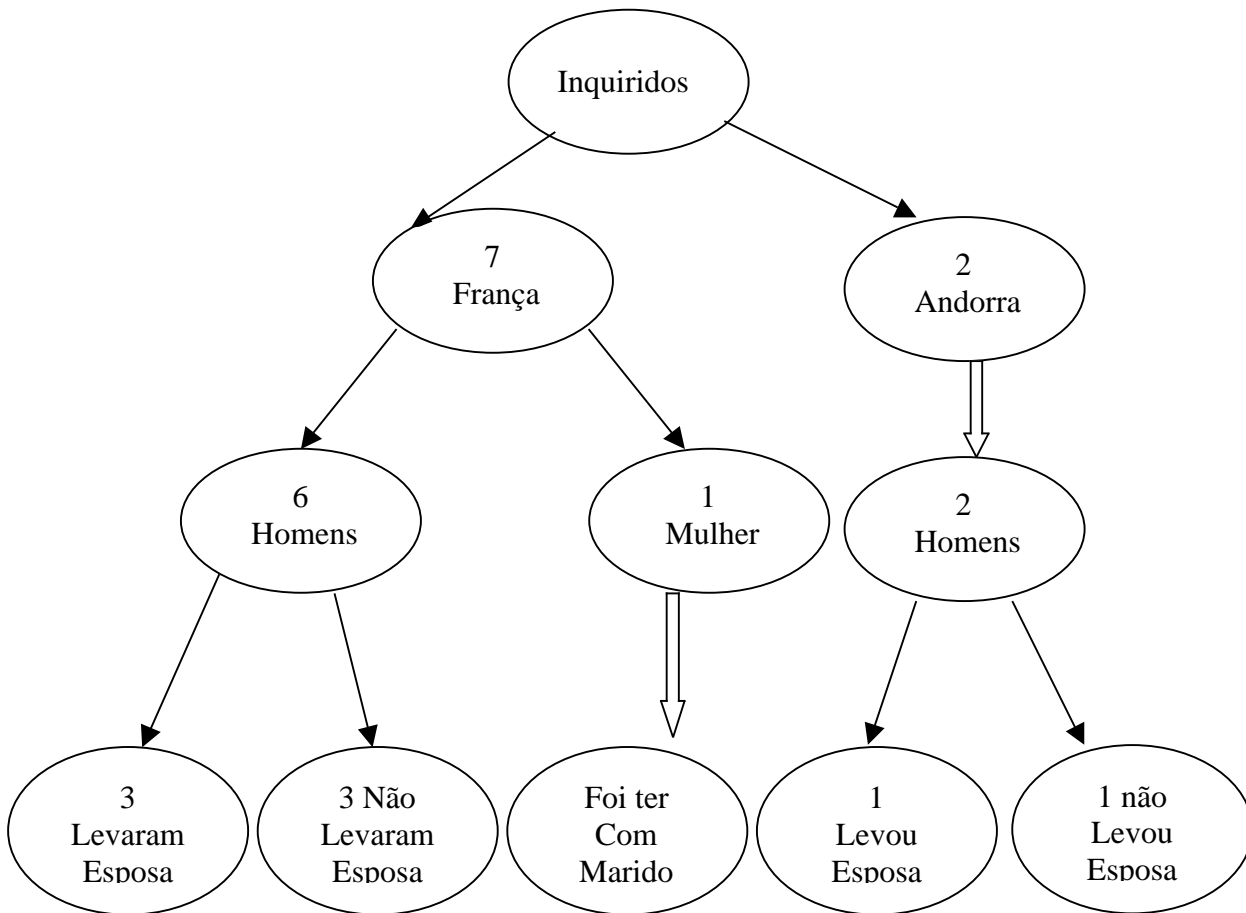


Figura 2 – Caracterização genérica dos inquiridos

Todos os inquiridos têm neste momento dois ou mais filhos, sendo o número médio de filhos por inquirido de 4,1⁴. Não é pois de admirar que entre os inquiridos se

⁴ Pena é que a maioria destes filhos tenha também optado por uma vida lá fora porque tal como os pais não depositaram em Garganta grandes esperanças.

tenha manifestado uma certa expressão de palavras, gestos e silêncios que traduzem um sentimento de obrigação pela procura de uma fonte de rendimento de sustento da mulher e dos filhos. Às vezes a saída era a única forma de atenuar ou resolver os problemas económicos vividos: ***tinha 21, anos, quando abalei. Segui o caminho dos outros homens todos. Aqui, cada vez eram mais homens velhos e a malta nova não tinha nada para fazer...se valeu a pena? ... mesmo que não ganhasse nada conhecia o mundo, é preciso apostar no futuro. Para pior do que tinha aqui é que não ia com certeza!***

A posse de terra, vista na altura como sinal de riqueza, e segundo Manuela Reis e Gil Nave (1986), enquanto condição indispensável à reprodução social das famílias camponesas, ergue-se como o elemento internamente determinante e diferenciador, capaz de influenciar quem adere ao processo migratório, em que fase e com que expectativas o fazem. Não surpreende então o facto de terem sido os jornaleiros, pastores e pequenos rendeiros, as figuras sociais que no geral primeiramente foram recrutadas pelo fenómeno da emigração. Mas em Garganta isto não se passa e foram justamente duas pessoas com alguma ou muita posse de terra aquelas que abalaram primeiro: ***vivia mais ou menos bem; tinha gados, bois, mas não se ganhava muito. Fechei a taberna e fui para França.*** A razão que apontamos para este facto está indiscutivelmente ligada com a pobreza e com as poucas receitas que já na altura os campos originavam. Um outro dizia também que ***tinha gado e partia para recuperar dinheiro, tinha investido na compra de terrenos e na construção de casas e agora precisava de recuperar o dinheiro investido.***

Iniciado com estes camponeses com terra, o movimento migratório provocou um efeito de arrastamento que atingiu praticamente toda a gente de Garganta, tanto aqueles que possuíam terra como os que não a tinham. E a razão apontada era a mesma: a miséria e a pobreza que se vivia, as poucas receitas originadas pelo trabalho exercido, fosse onde fosse: ***As condições que Garganta oferecia não era nenhuma: Não tinha propriedades, nem onde trabalhar, por isso tive que partir...***

Na Expectativa De Uma Vida Melhor As Primeiras Emigrações Conduziram Os Emigrantes Até França

Garganta teve contacto com os primeiros movimentos migratórios no ano de 1964. E foi justamente na década de 60 que a maioria dos inquiridos abordados

emigraram (seis destes), sendo o destino de todos estes um mesmo país. Dos homens à excepção de um inquirido que trabalhava no Porto, e que foi com passaporte de turista, todos residiam em Garganta no momento de partida e foram clandestinamente. A inquirida mulher que também residia em Garganta no momento da partida foi a única a ir numa situação legal para França.

Corriam rumores que em França se ganhava dinheiro, por isso aventuraram-se a ir, nem que o acto implicasse a transgressão à lei. Naquele tempo era comum que a maioria daqueles que quisessem partir o fizessem sem passaporte de emigrante, já que este era muito difícil de obter. E então iam como diziam a **salto e com passaporte de coelho**, ou seja, clandestinamente. Chegados a França e depois de uma longa viagem a sorte ditava o seu destino: trabalhavam onde conseguissem arranjar emprego. E este era muito importante: para além de originar dinheiro poderia conduzir à regularização da situação do imigrante no país de destino. Na altura muitos conseguiram este primeiro emprego por intermédio de conhecidos e/ou familiares que já lá se encontravam, servindo pois estes de filtros entre o país receptor e os imigrantes acabados de chegar. Da nossa “amostra de inquiridos” apenas o primeiro que partiu, e dada a precocidade desta partida, não tinha ninguém a aguardá-lo.

Foi a esperança de um dia virem a ter uma vida mais digna, com a construção de uma **boa casa e melhores condições** que os levou a quase todos. E lá foram homens feitos, homens adultos, até já de meia idade em busca de uma vida melhor. O fenómeno migratório se cedo chegou à aldeia de Garganta também cedo se alastrou: primeiro homens, depois mulheres e filhos, de tal modo que hoje na aldeia praticamente todas as famílias têm um parente ausente.

Mais que salários elevados, a França dos primeiros anos oferecia trabalho remunerado a quase todos, precisamente o que faltava em Garganta, e mesmo em Trás-os-Montes e Portugal. Os emigrantes da “primeira geração” acolhidos em França, sobretudo enquanto permaneciam em situação ilegal e não dominavam sequer a língua tinham que se sujeitar a qualquer tipo de trabalho. É assim que começam por exercer uma actividade profissional da qual nada ou pouco sabiam. Normalmente esta actividade correspondia aos trabalhos mais duros e mesmo nalguns casos marginais que o indivíduo francês na possibilidade de arranjar um outro trabalho, se recusava a fazer. Muitos começaram por trabalhar nos trabalhos públicos (estão neste caso três dos nossos inquiridos): trabalhos de estradas, de esgotos; outros na construção civil de forma bastante mais dura do que eventualmente o poderiam fazer no país (estão neste caso também três dos nossos inquiridos).É por isso que muitos dizem **que o**

português se deixou escravizar, fazia qualquer tipo de serviço e como não sabia falar às vezes era enganado e tramado pelos colegas do outro país. Assim que começassem a perceber melhor a língua e quando tinham possibilidade de mudar para um emprego menos duro faziam-no. Mas este segundo trabalho aparentemente mais benéfico não era de todo assim e o aproveitamento da mão-de-obra portuguesa fazia-se muitas vezes de forma bastante exploratória: **primeiro trabalhei nos esgotos, nas tubagens do gás, mas depois mudei e fui trabalhar para os jardins, trabalhei lá 18 meses, mas o patrão não me fez descontos e então voltei para o primeiro patrão...**

Dos dois inquiridos que foram trabalhar para Andorra, e uma vez que estes já pertencem a uma geração mais nova, as condições de trabalho neste país não foram tão penosas, mas mesmo assim também segundo os mesmos não foram nada fáceis, e ambos começaram por arranjar emprego na construção civil, chegando o mais novo inclusivamente nos últimos 2 anos de 10 anos em que esteve naquele país a trabalhar por conta própria.

No geral a emigração correspondeu às expectativas pretendidas, para além de que os mais velhos têm agora **um patrão que lhe dá dinheiro!**

O Regresso Tardio, Mais Raramente Antecipado

A permanência do imigrante no país de destino ou o seu regresso para o país natal é desde logo condicionado pelo trabalho que exerce nesse outro país, pela situação de legalidade ou clandestinidade em que se encontra e pela sua maior ou menor adaptação perante uma vida completamente diferente. Frequentemente é difícil de identificar qual destes factores é mais importante, até porque podem agir em conjunto. Portela et al. (1995) infere a este respeito, que a compreensão do regresso obriga a distinguir os imigrantes segundo as seguintes linhas de fractura: geração de imigração, situação familiar de imigração (isolamento, reunião familiar total ou parcial), opção quanto à sociedade em que se promoverá a escolaridade dos filhos, capacidade linguística e redes de sociabilidade no país de acolhimento. No geral, quando o imigrante após vários anos de celibato, **e já com papéis**, puxa a família para junto de si, acaba por reunir mais condições de estadia nesse outro país. Se os filhos são ainda pequeninos e se estão na escola a radicação é muito mais forte; a escola tal como para os outros meninos acaba por ser uma segunda casa para os filhos dos emigrantes, o que faz com que estes criem “maneiras de ser” bastante parecidas aos

naturais do país de acolhimento. Neste caso o migrante português fica eternamente ligado ao país de trabalho por via dos filhos; o seu regresso nunca é completo, porque a sua geração não a consegue trazer. Daí que alguns tenham preferido regressar enquanto os filhos ainda eram pequeninos, refira-se a este propósito o testemunho dado pelo nosso inquirido mais novo: ***vim para aqui enquanto era tempo, porque depois se a filha ia para a escola era chato.***

Mas os filhos podem não ser pequeninos, até já poderão ter ido para o estrangeiro crescidos, em idade de trabalhar, e nesta situação embora a probabilidade de um dia estes ficarem no estrangeiro seja grande, há mais ligação ao país dos pais. E muitos destes filhos de emigrantes vêm também como seu o país dos pais. De qualquer forma continua a haver uma ligação forte, senão também eterna, entre o país de trabalho e o país de origem e que é estabelecida muito provavelmente por via dos netos (que possivelmente terão já uma outra nacionalidade). Dos inquiridos, um deles conduziu a mulher e os filhos até junto dele e a inquirida mulher ***agarrou nos filhos e foi ter com o marido.*** Hoje todos os filhos (quatro) nascidos em Portugal deste primeiro inquirido estão no estrangeiro (França) e apenas um dos sete filhos da inquirida mulher, o único que nasceu lá fora (em França), por motivos de doença está junto da mãe em Portugal (aliás como já havíamos dito).

Mesmo que a vida do migrante tivesse outro alento na presença da sua família – da mulher e dos filhos muitos preferiram ficar sozinhos ou só com a mulher quase uma vida inteira e deixar os filhos ao cuidado de um familiar no país natal. Mesmo que seguissem o mesmo caminho que o (s) pai (s) tinham sido educados em Portugal e teriam cá raízes. Nesta situação está um dos inquiridos, que viveu uma vida matrimonial no estrangeiro e tinha cá as duas filhas. Hoje apenas uma destas está na França.

Mas também pode dar-se o caso do migrante estar nesse outro país com a sua esposa, mas por motivos de inadaptação desta, acabar por ficar de novo sozinho. Nesta situação encontrou-se um dos nossos inquiridos, que após ter conduzido a sua mulher para junto de si e de ter havido inclusivamente o nascimento de um dos filhos em França, voltou a ficar sozinho após a esposa ter voltado para Portugal ao fim de 2 anos. Neste momento três dos seis filhos deste casal estão em França.

Nos outros casos, estando mais ou menos tempo o migrante no país de destino, nunca houve qualquer reunião familiar. E é justamente na situação em que o imigrante está sozinho, sem condições de segurança profissional e sem o conforto familiar que acaba por regressar mais cedo para o país natal.

Entre os inquiridos apenas dois⁵ (por motivos de clandestinidade, ausência da família, e também num dos casos ausência de saúde), estiveram no país de trabalho menos de 10 anos, respectivamente 5 e 6 anos. Um outro inquirido, o mais novo esteve em Andorra 10 anos. O motivo que apresentou para a sua vinda definitiva para Portugal foi justamente o facto da filha já nascida ser ainda pequenina, e esta segundo ele era uma fase decisiva: ou ficaria em Andorra e toda a sua descendência criaria lá raízes bastante fortes ou então viria para Portugal enquanto era tempo, para que além do mais, já tinha ganho o suficiente para dar início a um projecto de vida em Portugal. Todos os restantes inquiridos estiveram uma média de 25 anos no país de trabalho. Destes apenas um veio para Portugal em idade ainda activa, pelo que deu continuidade ao trabalho que a mulher vinha fazendo: para além dos terrenos que vulgarmente os emigrantes compravam, comprou pequenas alfaias agrícolas e animais, sendo actualmente um dos únicos dois pastores de Garganta. Ou seja cinco das nove pessoas que conseguimos entrevistar de Garganta vieram para Portugal em idade de reforma ou pré-reforma, não contribuindo muito para o desenvolvimento de Garganta. E todos responderam que vieram porque já tinham a reforma, alguns destes responderam ainda que já estavam cansados e para além do mais já não tinham saúde.

No geral podem pois apontar-se as seguintes motivos do regresso a Garganta: inadaptação e no país de trabalho, educação dos filhos em Portugal, satisfação das aspirações económicas.

Parte II

Garganta Mudada Para Melhor Ou Pior?

Garganta tem mais dinheiro e mais casas, a tal ponto que foram criadas novas ruas somente com casas novas. Mas Garganta tem também os campos a monte porque não há gente para os trabalhar. É esta a Garganta de hoje. E se os habitantes de Garganta tem disto consciência os emigrantes regressados pensam que a vida jamais se ganhará em Garganta e como nos disse um inquirido: ***só fazem mal se não ganharem lá a vida; ficar aqui para quê?*** E esta foi a resposta do inquirido, que tal como muitos, tem todos os filhos no estrangeiro e que se encontra talvez na fase

⁵ Um destes chegou a intercalar o projecto de imigração por 2 países distintos: Andorra-França-Andorra, mas em França só esteve 0,5 ano pelo que consideramos que o país de imigração foi Andorra.

terminal da sua vida (parecia bastante adoentado e estava já muito cansado no final da entrevista). Efectivamente só três dos nossos inquiridos afirmaram ter consciência da desvitalização demográfica e social originada pela emigração, pelo que segundo eles mais gente deveria regressar definitivamente ao povoado e instalar-se profissionalmente para dar mais “vida” à aldeia. Todos os outros apontaram a existência de novas moradias e a circulação de mais dinheiro como a consequência mais importante do fenómeno migratório. E há de facto em Garganta áreas contíguas com casas exclusivamente de emigrantes. É o caso da pequena rua da Veiga, ladeada de ambos os lados por nove casas de emigrantes. Destas só uma está habitada pela filha de um dos emigrantes.

Por meio do mapeamento de Garganta foi possível apurar que a aldeia tem hoje 117 casas que estão ou já foram habitadas. Mas a população de Garganta está a residir em **menos de metade** (45) destas construções. Inclusivamente em alguns casos, ao contrário do que sucedia noutros tempos, onde uma casa era partilhada por um conjunto de pessoas, actualmente muitas das casas de Garganta estão a servir de residência para uma única pessoa; dão-se a este respeito os exemplos de velhinhas que se encontram sós, já sem marido e cujos filhos todos, ou a maioria se encontram no estrangeiro. Ao mesmo tempo, só por si, o facto das casas estarem habitadas, não significa que não sejam também de actuais emigrantes. Refiram-se os casos do três “pais de família” que deixaram os filhos e a mulher em Portugal e que foram para França e o caso da velhinha que está a viver em casa do filho que se encontra no Luxemburgo. Para além de que 13 destas 45 casas são resididas pelos 13 emigrantes regressados.

No que respeita às casas desabitadas elas são então em número de 72. Destas 45 são de emigrantes, estão fechadas e só se abrem por altura da vinda destes à terra. Há ainda um conjunto de 6 casas mais velhas fechadas que são também de alguns destes emigrantes, mas devido ao seu estado degradado não servem actualmente para residência. Mas também existem outras casas de moradores de Garganta (em estado agora também degradado) que após terem construído outras casas, abandonaram as primeiras; estas são também em número de 6. Quanto às casas desabitadas por pessoas que faleceram elas são em número de 8⁶. O número de outras casas desabitadas diz respeito às pessoas que por motivo de velhice estão no lar (referem-se aqui 4 casas) e a pessoas que estão a viver em S. Martinho (1 casa) e no Porto (2 casas).

Por meio não só do mapeamento mas também das conversas que estabelecemos com os habitantes de Garganta foi possível saber que o grande país

⁶ Este número é reduzido porque na maioria das vezes após a morte de uma pessoa, a casa passa automaticamente para a posse dos descendentes e só nestes 3 casos isto não se passou.

de emigração para a aldeia continua a ser a França, depois segue-se o Luxemburgo, Andorra e só em dois casos a Alemanha. Efectivamente 25 famílias (tendo uma ou mais casas em condições de habitação) estão em França, 8 no Luxemburgo (tendo igualmente só 1 ou mais casas), 4 em Andorra e finalmente 2 na Alemanha.

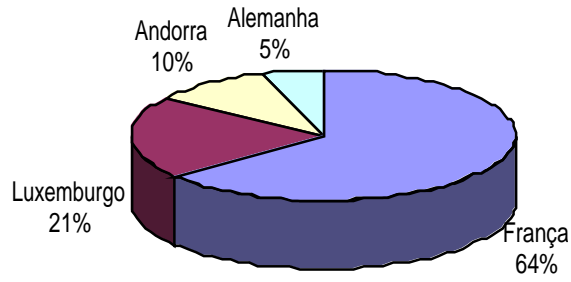


Figura 3 – Distribuição dos inquiridos por país de emigração

Parte III

Que olhar sobre Garganta

Para todos os regressados, a reinserção em Garganta representou obviamente uma nova fase da vida pessoal e familiar, uma mudança no modo de vida, de trabalho e de ligações interpessoais. Para os regressados de Garganta o dia-a-dia já não é comandado pelas tarefas desempenhadas num país estrangeiro, nem tão pouco para alguns deles das tarefas desempenhadas no seu próprio país. O quadro das relações sociais e de trabalho (para aqueles que ainda o fazem) deixou de ser assim intercultural e hierárquico e passou a ser entre conterrâneos e relativamente igualitário.

Embora com melhoria substancial da vida dos emigrantes a vivência migratória e a experiência profissional adquirida fora do país não surgem como fonte de novos estatutos e novas funções na sociedade local. A reintegração social e de trabalho (para aqueles que continuaram a exercê-lo) faz-se mediante o desempenho dos papéis clássicos da aldeia; trabalho na agricultura e na construção civil (no caso dos dois inquiridos mais novos). E mesmo quase todos os reformados retornaram à actividade agrícola, mas aqui mais como uma actividade a tempo parcial não influenciada por motivos de lucro.

Passado mais ou menos tempo depois do regresso, o que acham que Garganta **oferece** ou melhor o que **não oferece** aos seus residentes e a quem queira regressar é variável de inquirido para inquirido. Falta uma fábrica para ocupar pelo menos a mão de obra feminina (três dos inquiridos deram esta resposta), serviços médicos (dois dos inquiridos afirmaram isto), outros serviços de apoio à comunidade, melhores acessos à aldeia, talho, padaria, mercearia, foram respostas frequentes entre todos os inquiridos; um deles afirmou ainda **ser necessário arranjar a capela porque passa lá muito frio** (o que de algum modo dá a entender que em França as condições de conforto eram diferentes).

Com mais movimento no Verão, esta é a garganta de todos os dias!

Síntese final

Garganta tem hoje mais casas mas menos gente. Se por um lado há um crescimento a nível de construções por outro à uma diminuição acentuada a nível demográfico. Isto porque as pessoas há muito que começaram a sair da aldeia na procura de uma vida melhor. O movimento não abrandou e hoje Garganta tem uma população menor e mais envelhecida. O regresso para muitos destes emigrantes à aldeia continua a ser um projecto adiado: poucos regressaram e os investimentos mais frequentes que aqui fazem, mesmo estando no estrangeiro, resumem-se à construção de moradia(s), para no Verão passarem alguns dias de férias ou para virem talvez à aldeia passar um dia a sua velhice. A construção de novas casas pelos emigrantes é tão evidente que é possível distinguir duas partes na aldeia: a parte mais velha, mais típica e uma outra parte mais nova, com construções recentes de emigrantes e frequentemente com o uso de outros materiais que não os típicos (já que estes para muitos são ainda símbolo de pobreza e a emigração acima de tudo iria servir para afugentar essa mesma pobreza).

Bibliografia

Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal séculos XIX e XX (1993). *Emigração Imigração em Portugal*. Editorial Fragmentos, Lda, Algés, pgs 348-361

Arroteia, Jorge (1986). *“Ensaio Tipológico Sobre os Movimentos Migratórios Portugueses.*

- Cepeda, Francisco (1988).** *Emigração, Regresso e Desenvolvimento no Nordeste Interior Português*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 434 pgs.
- Daveau, Suzanne (1996).** *Geografia de Portugal – O Povo Português*. Edições João Sá da Costa, Lisboa, pgs 793-822.
- Faceira, Ana Paula (1992).** Garganta: aspirações, necessidades e tradições de um povo (relatório de estágio). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 47 pgs.
- Machado, Fernando Luís (1997).** *Contornos e especificidades da imigração em Portugal*. Revista Sociologia Problemas e Práticas, nº 24, pgs. 9-44.
- Martins, Oliveira (1994).** *Fomento Rural e Emigração*. Guimarães Editores, Lisboa, 233 pgs.
- Mendes, José Amado (1990).** *A Emigração Portuguesa, Nas ópticas de Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Afonso Costa*. Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra – Instituto de História Económica e Ciência Social, Coimbra, pgs 293-308.
- Moniz, Fernando et al. (1987).** *Os retornados – um estudo sociodemográfico*. Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa, 217 pgs.
- Monteiro, Paulo Filipe (1994).** *Emigração – O Eterno Mito do Retorno*. Celta Editora, Oeiras, 65 pgs.
- Nabe, Gil, Reis Manuela (1986).** *Camponeses emigrados e emigrantes regressados – práticas de emigração e estratégias de regresso numa aldeia da Beira Interior*. Revista Sociologia Problemas e Práticas, nº 1, pgs 67-90.
- Nobre, Sílvia (1993).** Emigration, retour et agriculture dans un village de Tras-os-Montes (Portugal) (these presentee en vue de l’obtention du diplome de hautes etudes du ciheam). Institut Agronomique Méditerranéen de Montpellier, Montpellier, 89 pgs.
- Nobre, Sílvia; Portela, José (1995).** Entre Pinela e Paris: emigração, imigração e regressos (anexo VII - artigo para apreciação). Contrato Praxis/2/2.1/CSH/869/95, 2º ano de execução.